

Collor estuda indicação de líderes

Armando Cardoso

Paralelamente à criação dos blocos na Câmara e no Senado, o presidente Fernando Collor começou a pensar na futura liderança governista nas duas casas do Legislativo, bem como na indicação dos líderes dos partidos que lhe dão sustentação no Parlamento. Com relação ao bloco na Câmara, o Governo já se mostrou temeroso em sua formação apenas com o PFL e o PRN. Esse temor ficou claro após advertência de alguns assessores, para os quais juntar dois partidos significativamente minoritários para formar maioria deficitária provocaria a união do partido majoritário, no caso o PMDB, que não pretende abrir mão da presidência da Casa.

Outros parlamentares também demonstraram contrariedade à proposta. Entre estes, os senadores Odacir Soares (PFL-RO) e Ney Maranhão (PRN-PE) são os mais radicais. Ambos acreditam que os blocos não serão formalizados, pois, além do confronto com a bancada peemedebista, iria ferir os regimentos das duas casas do Congresso, cuja tradição é entregar as presidências ao partido de maior representatividade.

Lideranças

Entretanto, o maior problema do Palácio do Planalto deve ser a escolha do líder governista, cargo

atualmente ocupado pelo deputado mineiro Humberto Souto (PFL), que o herdou do deputado Renan Calheiros, candidato ao Governo de Alagoas e que rompeu em definitivo com o presidente Fernando Collor logo após a realização do primeiro turno do pleito alagoano. Também difíceis, as indicações para as lideranças dos dois maiores partidos governistas devem ser mais tranquilas, até porque as disputas internas são menos traumáticas.

Indagado sobre sua permanência como líder do Governo na Câmara, Humberto Souto preferiu conversar sobre o assunto somente no reinício dos trabalhados legislativos. Segundo ele, qualquer comentário antecipado poderia ser mal interpretado, já que o cargo é importante e, por isso mesmo, requer cautela. Para Souto, afirmar que não deseja continuar seria mentiroso, ao mesmo tempo que dizer que prefere deixá-lo poderia soar como uma tentativa de "abandono do barco, o que sequer imagino".

Humberto Souto, porém, deve ter um adversário de peso: o deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE), que também aguarda pela indicação. No caso da permanência de Souto, Fiúza certamente seria mantido como líder do PFL, função que, conforme fontes do Planalto desempenha "com desenvoltura e eficácia". Tanto isso é verdade que,

depois do encerramento da legislatura, o deputado pernambucano começou a percorrer o Brasil, com aval do Presidente da República, tentando arregimentar adesões para viabilizar a criação do bloco na Câmara.

Problema interno

Já o líder do PRN, deputado Arnaldo Faria de Sá (SP), assegura que ficará na função enquanto manter a confiança do governo. Sobre a liderança governista na Câmara, ele é de opinião que o cargo deve ficar com alguém do PFL, que é o maior partido de sustentação do Executivo nesta Casa. Conforme explicou, isso foi conversado e aprovado por todos os parlamentares da bancada. Por isso, acredita que não haverá qualquer tipo de racha ou disputa. Sem declarar preferências, Faria de Sá disse que a indicação é um problema interno do PFL, "que tem de se entender e apresentar ao presidente Collor as opções". Ele acha, no entanto, que o nome deve ser escolhido entre os dois deputados de maior trânsito no Palácio do Planalto: Humberto Souto e Ricardo Fiúza.

No Senado, Ney Maranhão pode continuar liderando o PRN. Restariam as lideranças do Governo e do PFL, que deverão ser disputadas pelos senadores Marco Maciel e Guilherme Palmeira. O primeiro tem preferência de diversos setores do Executivo e também da bancada.